

Masculinidades plurais

Antonio Carlos de Oliveira¹

Leandro Teófilo de Brito²

Paulo Victor Leite Lopes³

O debate em torno das masculinidades tem se intensificado nas últimas décadas, imerso em abordagens transdisciplinares e multitemáticas. Consistindo em complexo campo de análise acerca de processos sócio-históricos de constituição de modos de construção de si, a maioria desses estudos é produzida a partir de uma perspectiva relacional de gênero, privilegiando as intersecções com as temáticas do trabalho, da violência, da educação, da saúde, do esporte, do lazer e da sexualidade.

Observada tal multiplicidade – em contraposição a traços rígidos historicamente associados a uma única forma masculina de estar no mundo –, importa conhecer, descrever, significar e explorar expressões/produções de masculinidades em suas diversas dimensões e manifestações, em interface com outros importantes marcadores sociais, como classe social, raça, sexualidade, geração, origem e pertencimento territorial, dentre outros.

Conforme mencionado, foi pela perspectiva relacional que os estudos sobre homens e masculinidades emergiram no campo de estudos sobre gênero, pois o seu conceito seria potente quando significado “para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75).

A partir desses pressupostos, emerge o nosso interesse em abordagens que visem analisar e compreender elementos e aspectos dis-

tintos de engendramento e expressão de masculinidades, atualizadas no cuidado de si e de outras/os, em relações laborais, no exercício da parentalidade, na produção artística, literária e audiovisual, no exercício de sexualidades, em processos educativos, nas atividades físicas, esportivas e de lazer, na concepção de políticas públicas e na relação dos sujeitos com o Estado e na institucionalidade e atuação de organizações políticas e/ou dos ativismos sociais.

Assim sendo, o presente número da revista reúne trabalhos que analisam e problematizam a produção social, histórica, política e cultural de masculinidades em distintos contextos temporais e espaciais, como categoria teórica e empírica, suas manifestações cotidianas em âmbito público e privado, sua relevância na construção e reafirmação de direitos humanos, sua presença/ausência como referência na formulação e implementação de políticas públicas e na construção de sociabilidades que sustentem, a um tempo, diferenças e equidade, mas também reflexões que apontem para a contribuição epistemológica que tais debates trazem aos diferentes campos disciplinares.

A inserção desigual de homens e mulheres no trabalho de cuidados – tanto de si como de terceiros – constitui um debate que tem conhecido crescente produção. Tendo por fonte a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – Pnad Contínua (2019), quanto ao exercício de cuidados de pessoas com algum nível de dependência – crianças, idosos, doentes ou pessoas com necessidades especiais –, a diferença de gênero se mostra patente: enquanto 36,8% das mulheres se ocuparam de tais atividades, a taxa de participação dos homens foi de 25,9%.

E, para além da análise acerca da distribuição desigual na quantidade de tempo dedicada ao cuidado, há nuances mais sutis quanto ao tipo de trabalho executado, contribuindo para desnudar de maneira mais enfática a resistência social a mudanças em concepções arraigadas acerca de papéis de gênero. Conforme demonstram Araújo e Scallion (2003), nos cuidados à prole, homens se incumbem preponderan-

temente de atividades de lazer e daquelas que envolvem mobilidade extraluar, ao tempo em que cuidados referentes à higiene, alimentação e saúde de filhas e filhos persistem sendo de atribuição feminina.

Constata-se que, apesar de mudanças nas práticas de cuidado no interior das famílias, com homens mais participativos, o principal papel masculino continua ligado ao espaço público e ao trabalho remunerado. E, no espaço laboral e sócio-ocupacional, também ainda é reduzida a presença masculina em trabalhos que envolvem interação e cuidado com crianças, idosos e pessoas com alto nível de dependência, indicando que esse movimento gradativo ainda não expressa mudanças contumazes em representações simbólicas da divisão de papéis sexuais e de gênero entre homens e mulheres (ARAÚJO e SCALON, 2003).

Em tal contexto, permanecem resistências – tanto da sociedade em geral como dos próprios homens – à sua inserção em espaços e atividades de cuidado, inclusas ocupações no âmbito do trabalho profissional remunerado. Barbosa (2013), ao estudar a presença de homens concursados em creches do Rio de Janeiro, constatou expressivo estranhamento – e, por vezes, oposição radical – ao exercício do trabalho de cuidado de crianças pelos mesmos, oriundo tanto das equipes institucionais como da população, embora houvesse vozes dissonantes que buscassem legitimar sua permanência na função.

Trata-se, portanto, de um processo dinâmico que conjuga mudanças e permanências, impondo o desafio de repensar criticamente papéis congelados de gênero, historicamente construídos e reificados, que afastam ou alijam homens do papel de cuidadores, reificando a desigual sobrecarga de trabalho que recai sobre mulheres.

O primeiro bloco de artigos desse dossiê contribui para essa discussão, transitando entre a reificação de papéis sociais atribuídos ao masculino e experiências divergentes ao “modelo”, no sentido de exercício e ocupação de lugares outros por parte de homens.

Em “Infâncias, cultura escolar na roça e docência masculina”, Fernando Seffner e Antonio Jeferson Barreto Xavier abordam como

crianças de escolas de região rural significam a presença de homens como seus professores. Ocupando uma função tradicionalmente associada ao gênero feminino, a atuação desses homens no cotidiano escolar propicia a análise do processo de estabelecimento de fronteiras entre o que é sancionado e permitido na interação com as crianças, sobretudo quanto à proximidade com alunas e à abordagem de questões atinentes ao corpo e à intimidade. À complexidade própria a esse deslocamento de papéis esperados de gênero ainda se soma o fato de a pesquisa se realizar em ambiente rural, conferindo-lhe ainda mais contornos de originalidade e oportunizando reflexões acerca de possibilidades e limites de masculinidades plurais no exercício da docência com crianças em um ambiente democrático, que estimule o debate sobre equidade de gênero.

Através de uma cartografia *on-line*, Paula Rios de Freitas, Dilton Ribeiro Couto Junior e Felipe Carvalho constroem um corpus analítico a partir de vídeos de “chá de revelação” produzidos e postados no YouTube durante o período da pandemia de COVID-19 para discussão de atravessamentos das normas regulatórias de gênero nas expectativas relativas ao sexo de bebês. Embora já utilizado anteriormente, vale registrar o quanto restrições quanto às interações presenciais, como forma de contenção da pandemia, ensejou maior busca pela internet como fonte de produção de dados e informações para pesquisas, ampliando o conhecimento da comunidade científica sobre esse universo. Intitulado “Eu sempre sonhei em ter um neto homem!” cartografando vídeos de “chás de revelação” no YouTube, o artigo destaca como a força regulatória do gênero já se faz fortemente presente antes mesmo do nascimento do bebê, evidenciando a reificação do binarismo homem/mulher como importante marcador de expectativas em relação à vida que se iniciará. E, nesse contexto, os resultados também demonstram a expressiva influência de componentes religiosos no reforço da heteronormatividade, com enquadramento dos corpos das crianças em categorias restritivas e simplistas.

Taissa Mendonça de Jesus, no artigo “Masculinidades e o envolvimento de homens nos cuidados às crianças e adolescentes em âmbito familiar”, analisa permanências e mudanças na participação parental masculina no exercício de cuidados à prole, tendo por base empírica entrevistas com homens que acompanhavam crianças ou adolescentes em consultas médicas em unidade pública de saúde pediátrica no município do Rio de Janeiro. A autora apresenta nuances diversas desse movimento de ampliação da presença de homens em tais atividades ressaltando, entretanto, que permanece uma divisão de papéis familiares baseada no gênero, em que mulheres seguem majoritariamente responsáveis pelas atividades de cuidado e aos homens ainda é reservado o papel de provedor como aquele que define seu lugar.

No segundo bloco de artigos, a chamada masculinidade hegemônica, principal referência nos estudos sobre masculinidades, preponderou nos textos, ainda que dentro de um contexto de disputas. A teórica australiana Raewyn Connell define a masculinidade hegemônica como uma configuração de prática de gênero articulada à legitimidade do patriarcado que, em momentos históricos específicos, garantiu ou se considerou garantir a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (CONNELL, 2003). Nesse contexto, a masculinidade hegemônica coexiste com outras masculinidades agrupadas ao seu redor em uma relação hierárquica entre elas.

Apropriando-se da noção de hegemonia de Gramsci, Connell (2003) enfatizou que grupos de homens lutam por uma posição dominante por meio da definição social da masculinidade, buscando assim obter vantagens materiais e psicológicas na ordem estrutural do gênero, por meio da dinâmica cultural na qual parte dos homens exige e mantém uma posição de liderança nas sociedades ocidentais. A autora também reconheceu a construção das masculinidades por meio de projetos – coletivos e individuais – influenciados por instituições e forças culturais, com base em uma perspectiva estruturalista explícita, levando em consideração o Estado, as instituições de larga escala, as

relações econômicas, a sexualidade, assim como aspectos de caráter individual e a personalidade (CONNELL, 2000).

No artigo “Masculinidades en el Carnaval”, Diego Alsina Machado e Viviane Teixeira Silveira apresentam análise acerca dos modos de exercício da chamada masculinidade dominante no carnaval no Uruguai e, em especial, em uma manifestação cultural típica local, denominada murga, a partir de um perfil do Instagram “Varones Carnaval”, como resultado de relatos de situações de violência de gênero em ambientes carnavalescos. Constituindo-se como um lugar fundamentalmente masculino – com características específicas de interação e formas de conceber e exercitar as relações, como aspectos de uma identidade hegemônica –, a murga serve aos autores de mote para discutir constrangimentos e concessões a que tem de se submeter uma mulher para conseguir ingressar ao grupo, bem como nele se manter e assegurar alguma legitimidade. A esse material os autores agregam dados de pesquisa etnográfica orientada para a análise dos processos de construção de identidades de indivíduos que fazem parte de um clube de futebol em San Carlos, também no Uruguai, buscando estabelecer relações entre práticas do futebol e da murga. O objetivo consiste em problematizar o caráter hegemônico destas masculinidades e os privilégios que decorrem de sua performatividade.

“Não há masculinidade no singular, somente no plural: percepções iniciais a partir do ciclo de cinema e diversidade” – de autoria de Michele Pereira de Souza da Fonseca, Samara Oliveira Silva e Fabille Mara Assumpção Moreira – tem por objetivo analisar as percepções de 44 participantes do evento de extensão 9º Ciclo de Cinema e Diversidade – organizado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (LEPIDEFE), da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ – a partir de questões fomentadoras do debate sobre masculinidades e sua relação com aspectos sociais. Tendo por referência uma perspectiva ampla da inclusão e estudos sobre masculinidades, os resultados indicam

a coexistência de alta prevalência de legitimação da masculinidade hegemônica, relativo desconhecimento sobre o tema, e avanços na admissão de múltiplas formas de ser homem, reafirmando a vigência de processos de reconstrução do masculino.

Partindo do suposto de que não há expressão mais poderosa da realidade que os eventos que se pode conhecer de maneira direta no cotidiano da vida social, o artigo “Edipos sepultados: aproximaciones psicodinámicas a las problemáticas familiares de estos tiempos a partir del contenido de Cobra Kai” promove uma reflexão acerca das relações parentais masculinas a partir de uma obra de ficção, com a compreensão de que tais produções artísticas pretendem ser, ao menos em parte, expressão da realidade. O autor, Jorge García Escobar, propõe que sua análise a partir de marcos das ciências humanas possibilita um caminho alternativo de estabelecimento de vínculos entre a ficção e as dinâmicas de mudança que vêm se manifestando em nossas sociedades. Assim, tomando como unidade de análise uma série de sucesso em uma plataforma streaming e lhe aplicando categorias analíticas da psicanálise, busca explicitar características de problemáticas familiares atuais relativas à paternidade.

Em “O masculinismo como uma estratégia de invasão: um ensaio crítico”, Fabio A. G. Oliveira, Ana Paula Assumpção e Fernando Ziderich do Amaral produzem um ensaio teórico acerca da expressão de masculinismo e da erotofobia contemporaneamente, analisando diferentes aspectos que compõem o episódio da invasão do Capitólio, nos Estados Unidos da América, em janeiro de 2021. Nesse percurso, propõem seis eixos de análise que possibilitam compreensão preliminar sobre camadas ético-políticas pouco evidenciadas pelos principais meios de comunicação que se propuseram a analisar o caso ao redor do mundo: gênero/sexualidade; branquitude; nacionalismo; colonialismo; antropocentrismo; e carnofalocentrismo. Os autores destacam que a análise combinada de tais aspectos possibilita uma avaliação preliminar e atenta sobre os signos expressos na topografia da invasão do Capitólio.

Encerrando o dossiê, os artigos que compõem o terceiro bloco evidenciam o caráter fundamentalmente performático do gênero, apontando para elaborações das masculinidades que poderiam ser pensadas como não-hegemônicas ou, sob determinado registro, como 'heterodoxas'. Contribuem ao campo de estudos não apenas em razão da retomada de performances, cenas e representações atualizadas pelos interlocutores, mas, evidenciando a atualidade das teorias sobre papéis sociais de gênero e também da performatividade (BERGGREN, 2014; BUTLER, 2003), chamam atenção para o caráter relacional, contextual e contingencial na produção das masculinidades, iluminando agenciamentos e disputas em torno daquilo que Richard Miskolci (2012) chamou de “pedagogias da masculinidade”.

Ainda em termos dos debates avivados pelos artigos em diálogos mais amplos com a teoria social, o modo como os autores observam as dinâmicas sociais cotidianas, aquilo que chamamos acima como “caráter relacional”, evidencia o imbricado e mútuo processo de construção entre gênero e sexualidade. Mas não só. As contribuições aqui trazidas exemplificam a potência que análises interseccionais trazem a esse campo de estudos, ao perscrutarem como dinâmicas de gênero e sexualidade articulam-se com raça, geração, espaço e linguagem (AKOTIRENE, 2018; COLLINS, 2017; CRENSHAW, 2002).

Nessa direção, Paulo Melgaço da Silva Junior e Vandelir Camilo Correio, com “Atenção!!! Homens trabalhando: Um olhar sobre masculinidades negras na pornografia gay hardcore brasileira”, suscitam debate sobre como as masculinidades negras são tematizadas, controladas e valorizadas no universo pornográfico gay, no contexto brasileiro. Recorrendo a vídeos comercializados no mercado da pornografia e a duas entrevistas veiculadas nas redes sociais, os autores analisam performances de atores negros, a fim de identificar elementos que informem a tematização das masculinidades negras, bem como o controle discursivo acerca das mesmas. Enfatizam a prevalência de noções estereotipadas da categoria “negão” para venda das imagens do

homem negro, assim apropriadas tanto pelos próprios atores como pelo mercado pornográfico, tendo como corolário a redução de espaço para expressão de outras masculinidades. Apesar disso, destacam a presença de algumas performances alternativas na construção das masculinidades negras no mercado pornográfico.

Em “Inclusividade e segregação no voleibol LGBTIA+: entre tensões e ambiguidades de masculinidades não ortodoxas”, Vinnicius Camargo de Souza Laurindo e Mariana Zuaneti Martins apresentam resultados de uma pesquisa etnográfica desenvolvida no município de Vitória/ES, em que descrevem e analisam a produção de masculinidades num contexto de prática de voleibol frequentado por mulheres e pessoas LGBTQIA+, bem como as tensões presentes nesse contexto. Recorrendo à seleção de três cenas como ilustração de situações e interações que ocorrem no campo empírico analisado, explicitam tensões e ambiguidades na produção das masculinidades, através de movimentos de resistência ligados à performatização de expressões plurais e inclusivas. Simultaneamente, e em especial quando da participação de mulheres, são constatados movimentos de conformismo e acomodação diante das normas de gênero e de sua segregação.

De autoria de Leandro Teofilo de Brito, “‘Falam que sou pintosa e que assim não dá pra ficar com mulher’: narrativas sobre juventude e masculinidade bissexual” discute narrativas de jovens que se identificam como homens bissexuais, problematizando sentidos atribuídos à vivência da masculinidade bissexual nessa fase da vida. Tomando por base perspectivas pós-estruturalistas tanto para discussão das categorias juventude e masculinidade como para operacionalizar a produção de narrativas, ressalta que os enunciados registram sentidos de invisibilização social da bissexualidade como orientação sexual. Em contrapartida, comparecem também resistências às regulações impostas sobre suas vivências como homens bissexuais, mobilizando uma performatização da juventude que opera para desestabilização de discursos que conformam a incerteza sobre seus afetos e desejos.

Em se tratando de uma área de produção de conhecimentos ainda relativamente recente, esperamos que os aportes veiculados neste dossiê, com análises acerca de diversos campos empíricos e igualmente distintas perspectivas teóricas acerca de masculinidades, possam contribuir para reafirmação e valorização da pluralidade de identidades e expressões, inspirar novos estudos e fortalecer a luta pela defesa intransigente de direitos humanos.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade*. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV/ FAPERJ, 2003, p. 15-78.

BARBOSA, Ana Paula Tatagiba. *Há guardas nas fronteiras: discursos e relações de poder na resistência ao trabalho masculino na educação da infância* (Rio de Janeiro, 2009-2012). Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2013.

BERGGREN, Kalle. Sticky masculinity: Post-structuralism, phenomenology and subjectivity in critical studies on men. *Men and Masculinities*, v.17, n.3, p.231-252, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*. Jan/Jun, 2017. V. 5, nº1, 2017.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. México: UNAM-PUEG, 2003.

CONNELL, Raewyn. *The men and the boys*. Berkeley: The University of California Press, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. *Revista Estudos Feministas*, ano 10, p. 171-188, 2002.

IBGE – Coordenação de Trabalho e Rendimentos, Diretoria de Pesquisa DPE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua: outras formas de trabalho 2019*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101722>. Acesso em: 28 out. 2022.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://bit.ly/3eFqH9A>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Notas

- 1 Psicólogo e Doutor em Serviço Social. Professor Adjunto do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Famílias, Violência e Políticas Públicas”. Brasil. ORCID: 0000-0001-8854-6195. E-mail: antoniocarlos@puc-rio.br
- 2 Licenciado em Educação Física e Doutor em Educação. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFRJ). ORCID: 0000-0002-9123-5280. E-mail: teofilo.leandro@gmail.com
- 3 Cientista Social e Doutor em Antropologia Social. Professor Adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio do Norte (DAN/PPGAS/UFRN) e Coordenador do Centro de Referência em Direitos Humanos Marcos Dionísio (CR-DHMD). ORCID: 0000-0001-9589-2248. E-mail: paulovleitelopes@gmail.com



